



Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura



Cátedra UNESCO
O Património Cultural dos Oceanos
Portugal



UNIVERSIDADE
NOVA
DE LISBOA

[9]

OCEANICA

FICHA TÉCNICA

Oceanica – Newsletter da Cátedra UNESCO “O Património Cultural dos Oceanos”, n. 9 (julho, 2018)

Coordenação editorial
Joana Gaspar de Freitas (IELT)

Equipa de edição
Anabela Gonçalves (IELT)
Carla Veloso (CHAM)
Carolina Vilardouro (IELT)
Diana Barbosa (IHC)
Joana Gaspar de Freitas (IELT)
Ricardo Naito (IEM)

Design e edição fotográfica
Carla Veloso (CHAM)
Ricardo Naito (IEM)

Fotografia da capa
Mulheres da Ribeira, Roque de Arriaga. Fotografia gentilmente cedida pela Família Arriaga Correia Guedes.

Email para o envio de informações, notícias e sugestões de divulgação
oceanheritage.news@fchsh.unl.pt

Website da Cátedra UNESCO
“O Património Cultural dos Oceanos”
www.cham.fchsh.unl.pt/ext/catedra

AS MULHERES E O MAR. NOVAS PERSPETIVAS DE ABORDAGEM PARA UMA HISTÓRIA DOS OCEANOS

Ao excluir as mulheres quando falamos do mar, das atividades económicas a ele ligadas, das travessias oceânicas, da construção e desenvolvimento dos impérios marítimos, da produção e circulação de conhecimento natural, científico e cultural, exclui-se também uma parte significativa da nossa História conjunta.

O oceano tem um impacto profundo na atividade humana. Todavia, falar desta interação é ainda, na maioria das vezes, falar apenas sobre a relação dos homens com o mar. É esta abordagem do mar enquanto cenário predominantemente masculino e masculinizado que justifica, em parte, que a relação das mulheres com o mar seja um tema-alvo particularmente negligenciado por parte da historiografia. Ao excluir as mulheres quando falamos do mar, das atividades económicas a ele ligadas, das travessias oceânicas, da construção e desenvolvimento dos impérios marítimos, da produção e circulação de conhecimento natural, científico e cultural, exclui-se também uma parte significativa da nossa História conjunta.

Um dos objetivos de desenvolvimento do milénio da ONU é a promoção da igualdade de género. A cátedra UNESCO “O Património Cultural dos Oceanos” encara este objetivo com seriedade, não só na constituição da sua equipa, que se rege pela paridade de género, mas também nas suas abordagens temáticas. Reconstruir as posições sociais, culturais e económicas das mulheres face ao mar, analisar a sua presença nos portos, a sua vida nas comunidades costeiras e piscatórias, a sua participação na conservação dos oceanos e no seu estudo, são objetivos atualmente em desenvolvimento na linha temática do CHAM – Centro de Humanidades, “História das Mulheres e do Género”. As mulheres e a sua próxima relação com o mar ao longo do tempo podem ser abordadas e compreendidas a partir de uma análise aprofundada das fontes históricas – tanto pelas presenças como pelas ausências -, mas também do ponto de vista da literatura, da história oral, da produção científica e artística e ainda recorrendo aos objetos, à memória e à materialidade. Fazemo-lo sob uma perspetiva interdisciplinar e intercultural, criando novas vias de análise que conduzem a uma compreensão mais inclusiva da relação da Humanidade com os Oceanos.

Maria Barreto Dávila
CHAM – Centro de Humanidades

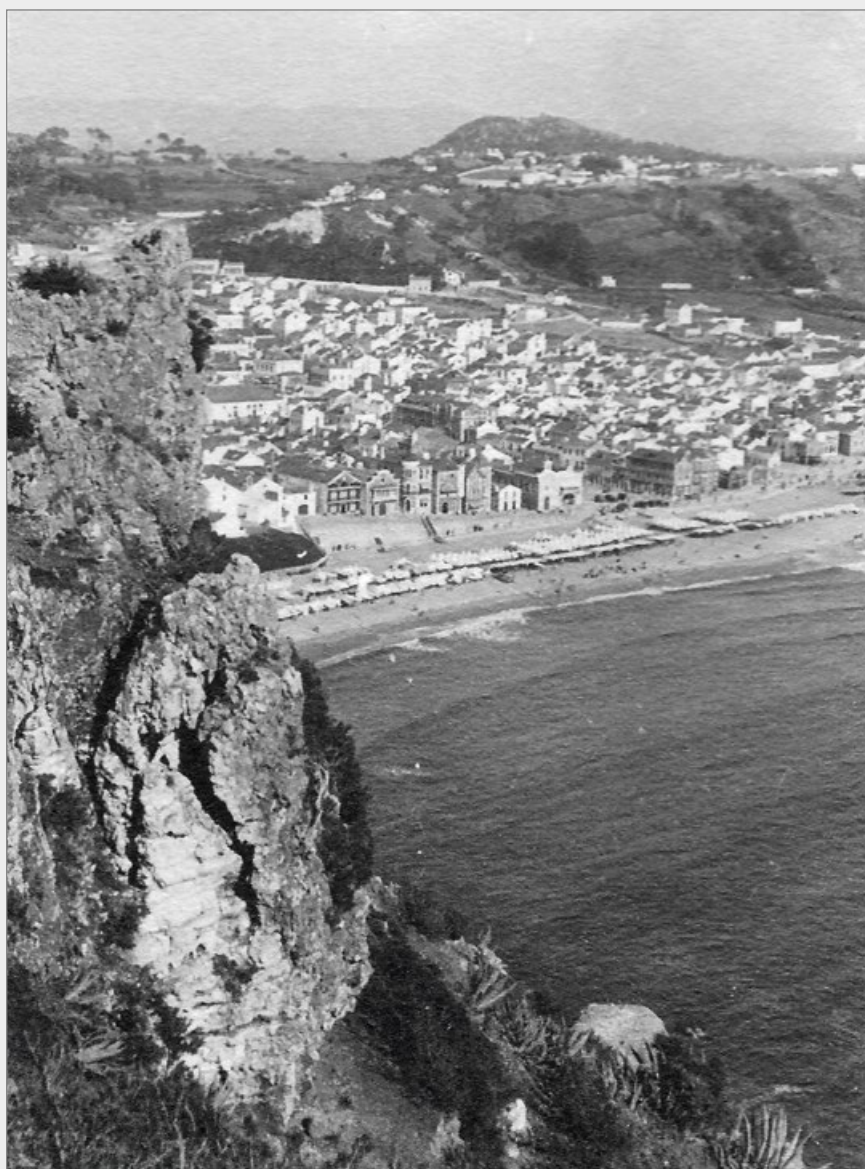
UMA INVESTIGADORA E A SUA OBRA

Ana Catarina Garcia

Ana Catarina Garcia, arqueóloga e assistente de investigação do Grupo de Arqueologia Moderna e da Expansão Portuguesa do CHAM – Centro de Humanidades, da NOVA FCSH, é atualmente bolsista da linha temática “História Ambiental e o Mar” no projeto “Ngulu-maza, iguaragua or cow-fish? Local and global natural knowledge production and diffusion; practices and perceptions about marine animals in the Atlantic 1453-1786”. Trabalha questões de história marítima e atlântica, portos da época Moderna e, mais recentemente, história ambiental. Encontra-se a finalizar o seu doutoramento intitulado: “Sistemas portuários nos impérios marítimos português e britânico: uma abordagem comparativa (séculos XVI-XVIII)”. As suas áreas de especialização têm estado ligadas à arqueologia náutica e subaquática, com especial incidência nos Açores, onde trabalhou entre 1998 e 2011, coordenando diversos projetos, entre eles a classificação da baía de Angra do Heroísmo como Parque Arqueológico Subaquático.



▲ Foto: Hermano Noronha.



▲ Praia da Nazaré. Roque de Arriaga.

Fotografia gentilmente cedida pela Família Arriaga Correia Guedes.

AS PRAIAS DE PORTUGAL

Praia da Nazaré

Em 1876, a Nazaré era praia de banhos das populações das redondezas: Caldas, Leiria, Torres Novas e Santarém. Ramalho Ortigão descreve-a como uma praia cómoda, com casas para alugar com mobílias, e um hotel bem situado junto à praia. O peixe, dizia, era abundante e excelente. O que não admira, pois a Nazaré era uma importante povoação piscatória. A ocupação desta praia iniciou-se no século XVIII, com pescadores vindos de Ílhavo e da localidade vizinha da Pederneira. Em 1833, ainda só existiam ali algumas cabanas de pescadores. Mas, com o advento da moda dos banhos, a Nazaré tornou-se praia afamada e o núcleo urbano cresceu para receber os banhistas. Ao longo do século XX, esta praia atraiu artistas, amadores e profissionais, portugueses e estrangeiros. O mar da Nazaré, os barcos e as redes de arrastar, os trajes dos homens e das mulheres que viviam da pesca, as camisas aos quadrados deles e as sete saias delas, ficaram registadas na pintura, fotografia e cinema de Lino António, Jorge Barradas, Roque de Arriaga, Artur Pastor, António Lopes Ribeiro, Leitão de Barros, Henri Cartier Bresson, Eduard Boubat, Agnés Varda, Stanley Kubrick e muitos outros. Hoje, a Nazaré é sobretudo conhecida pela sua poderosa onda, que atrai surfistas e turistas de todo o mundo.

COMUNICAR O PATRIMÓNIO

O Museu Dr. Joaquim Manso é o Museu sobre a Nazaré e a sua relação com o Mar

Aberto ao público em 1976, encontra-se instalado na antiga casa de férias do escritor Joaquim Manso (1878-1956), doada ao Estado em 1968 pelo benemérito nazaréno Amadeu Gaudêncio (1890-1980), para aqui se organizar o Museu da Nazaré.

Um acervo heterogéneo, reunido em torno da relação do homem com o mar, testemunha como este último tem sido elemento delineador da evolução histórica e socioeconómica da região, desde a ocupação pré-histórica nos limites da desaparecida lagoa da Pederneira, à construção naval na “era das descobertas”, até à atividade piscatória, balnear e turística dos séculos XIX e XX, que lhe vincou a sua feição mais recente e carismática.

Através de três núcleos principais, a exposição percorre a história da vila e o culto de Nossa Senhora da Nazaré, as embarcações e artes de pesca artesanal e o traje tradicional; documentados por pintura, escultura e fotografias de Álvaro Laborinho (1879-1970), que evidenciam a eleição da Nazaré e das suas gentes por artistas nacionais e estrangeiros, ao longo do século XX.

Durante séculos compelidos pelas instâncias da subsistência, os pescadores da Nazaré faziam-se ao mar nas suas frágeis embarcações; hoje, são os maiores surfistas nacionais e mundiais quem desafia as ondas possantes da Praia do Norte, aventando os novos caminhos de relacionamento com o mar, que passam agora pelo turismo e pelo desporto. Empenhado na salvaguarda da cultura marítima, o Museu Dr. Joaquim Manso preocupa-se igualmente em representar estas vivências contemporâneas. Mais informações em: <http://drcc.qs.pt/museu-dr-joaquim-manso/>

Dóris Santos

Coordenadora do Museu Dr. Joaquim Manso

Exposição, Nazaré. Foto: Museu Dr. Joaquim Manso /
Direção Regional de Cultura do Centro.



NOTÍCIAS E EVENTOS

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL AD BRUDGIAS PORTUM
Bruges, Bélgica, 23 a 25 de outubro de 2018

A Universidade de Gante e Raakvlak organizam uma conferência internacional sobre a cidade de Bruges enquanto porto medieval e paisagem cultural marítima. Bruges será o ponto de partida para se refletir sobre os portos medievais enquanto locais de encontros entre bens, pessoas e ideias. Mais informações em: www.adbrudgiasportum.ugent.be

3.º CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA AMBIENTAL
Florianópolis, Brasil, 22 a 26 de julho de 2019

Organizado pelo Consórcio Internacional de Organizações de História Ambiental (ICEHO) e pela Universidade Federal de Santa Catarina, este encontro internacional é uma oportunidade única para reunir especialistas de várias disciplinas, para discutir temas de história ambiental, numa perspetiva global. A chamada para participações está aberta até 10 de setembro. Mais informações: www.3wceh2019.floripa.br/site/capa

O PATRIMÓNIO DOS OCEANOS PELO MUNDO

As pinturas rupestres de Izcuña: antigas práticas de caça marinha no deserto de Atacama

Na costa de um dos mais secos e inóspitos desertos do mundo, o Atacama, no norte do Chile, há um conjunto de sítios com pinturas rupestres que se caracterizam pelas suas espetaculares e vivas cenas de caça marinha, pintadas a vermelho nas rochas. As imagens são sobretudo representações realísticas de animais marinhos, especialmente baleias, tubarões, tartarugas, lulas, golfinhos, peixes-espada e outras criaturas do mar, que aparecem em grupo associados a jangadas e arpões, pintados com traços lineares. Enquanto os animais, os motivos mais populares, são cuidadosamente ilustrados, com características anatómicas e fisionómicas bem delineadas, permitindo a clara distinção das espécies, os humanos são menos frequentes e pintados de modo simples e esquemático. O tópico central desta arte é claramente baseado no conhecimento humano do mar e dos seus habitantes, nas atividades levadas a cabo por alguns indivíduos – os caçadores – e no sucesso destas missões.

A distribuição destas gravuras está limitada a uma área geográfica de 40 quilómetros: localizada em alguns abrigos rochosos, sobretudo em ravinas escarpadas, numa zona montanhosa, entre 600 a 1300 metros acima do nível do mar, entre 10 a 40 quilómetros da costa. O primeiro sítio foi descoberto há cerca de um século, em 1918, pelo arqueólogo Augusto Capdeville, na ravina El Médano, perto da cidade de Taltal, no norte do Chile. El Médano era caso único até há pouco tempo, quando quatro outros sítios com pinturas foram encontrados. O estudo sistemático de um deles, chamado Izcuña, foi publicado recentemente na revista *Antiquity* (92). Ali, ao longo de 5 quilómetros de barranco, estão registados 328 motivos, em 74 painéis e 24 blocos. Os outros sítios têm ainda de ser estudados em detalhe e, mais importante, é preciso desenvolver novas pesquisas para descobrir novos locais do ponto de vista arqueológico, ao longo da vasta, e ainda inexplorada, costa montanhosa do Deserto de Atacama.

Benjamín Ballester

UMR7041 ArScAN, Equipa de Etnologia, Pré-História,
Universidade Paris 1 Panthéon Sorbonne, França



▲ Pinturas de Izcuña, deserto de Atacama. Fotos: Benjamín Ballester.

A OCEANICA é uma newsletter criada para divulgar as iniciativas e atividades realizadas no âmbito da Cátedra UNESCO “O Património Cultural dos Oceanos”.

Com ela pretende-se também fomentar a criação de uma rede internacional de instituições e pessoas interessadas pela temática e que queiram participar enviando notícias e sugestões.

Email para o envio de informações, notícias e sugestões de divulgação

oceanheritage.news@fcs.unl.pt